

Cacá Diegues usava o cinema para refletir sobre o Brasil

Diretor deixou um filme-testamento, “Deus Ainda É Brasileiro”, previsto para ser lançado no segundo semestre deste ano

Por Ubiratan Brasil

Valor, 14/02/2025



Cacá Diegues foi um dos intelectuais brasileiros que mais ativamente participou e fomentou discussões socioculturais — Foto: Fotografo: Aline Massuca/Valor

O cineasta Cacá Diegues sempre buscou pensar o Brasil em seus filmes. O diretor, que morreu aos 84 anos, na manhã desta sexta-feira (dia 14), no Rio de Janeiro, após complicações cardiocirculatórias, buscava criar momentos definidores da cultura e da identidade nacionais.

Foi assim na cena de Gracinda Freire recitando a dor humana em “Chuvas de Verão” (1978). Ou da porta da igreja fechando na cara de Zezé Motta, trêmula com a carta de alforria na mão, em “Xica da Silva” (1976). Ou o extraordinário momento de “Bye Bye Brasil” (1980) em que Lorde Cigano (José Wilker) faz nevar no sertão, flocos com gosto de coco.

Apontado como um dos mentores do Cinema Novo, movimento que pregava uma crítica à desigualdade social que dominou o Brasil durante os anos 1960 e 1970, Cacá (apelido de Carlos José Fontes Diegues) não

conseguiu o mesmo destaque imediato de colegas como Glauber Rocha (1939-1981) ou Ruy Guerra, de 93 anos.

Mas, à medida que filmava, Cacá construiu uma carreira cuja evolução acompanhava as mudanças acontecidas no Brasil e no mundo. Sua filmografia reflete as diversas fases e preocupações do movimento. A começar pelo olhar crítico sobre os problemas sociais, presente no episódio que dirigiu para “Cinco Vezes Favela” (1962).

Evoluiu para as leituras alegóricas da história brasileira realizadas durante a ditadura militar, como “Ganga Zumba” (1964) e “Os Herdeiros” (1968), em que contava uma história cotidiana pelo filtro da Rádio Nacional, até chegar na busca de uma comunicação mais direta com a plateia via cultura popular — foi assim em “Xica da Silva” e “Bye Bye Brasil”, além de “Quilombo” (1984) e “Orfeu” (1999).

Nascido em maio de 1940 em Maceió, Alagoas, Cacá criou uma carreira cinematográfica em que a amargura militante dos primeiros longas foi cedendo gradativamente para um olhar mais doce e poético do homem brasileiro. Não seguia modelos rígidos, tampouco se ancorava em modismos nacionais ou estrangeiros.

“Os filmes podem nascer até mesmo de uma simples canção, pois sou um músico frustrado, gostaria de ter sido compositor”, disse, certa vez. O cineasta creditava o interesse por assuntos populares à influência do pai, o antropólogo Manuel Diegues Júnior (1912-1991), que o levou ao reisado e outras festas em Maceió.

Foi justamente esse entendimento do cinema como reflexo da cultura popular que convenceu Sônia Braga, detentora dos direitos cinematográficos, a convidá-lo a dirigir “Tieta do Agreste” (1996), inspirado na obra de Jorge Amado (1912-2001).

“Sempre gostei de ser um cineasta preocupado com a atualidade. Faço filmes para meus contemporâneos, não faço um simples arquivo de ideias”, disse certa vez.

Uma definição clara de um artista que não se fechava em seu trabalho, como se fosse uma bolha. Na verdade, Cacá foi um dos intelectuais brasileiros que mais ativamente participou (e fomentou) discussões socioculturais, especialmente durante o período de repressão militar, em que cada palavra precisava ser cuidadosamente medida.

Foi assim em 1978 com a denúncia do que chamou “patrulhas ideológicas” que desqualificavam os produtos culturais não alinhados a certos cânones da esquerda política mais ortodoxa. Ou da rejeição ao “autolinchamento” praticado pelos brasileiros no início dos anos 1990, quando o governo Collor extinguiu a Embrafilme (motivo de crítica acalorada de Cacá), o que quase exterminou por completo o cinema nacional — seu longa de baixo orçamento “Veja Esta Canção” (1994), realizado em parceria com a TV Cultura, foi uma das poucas produções a chegar às telas da época.

A maioria de seus filmes foi selecionada para grandes festivais internacionais como Cannes, Veneza e Berlim, e sete de seus longas representaram o Brasil na disputa por indicação ao Oscar de produção estrangeira (hoje filme internacional): o último foi “O Grande Circo Místico”, de 2018, mesmo ano em que foi eleito novo imortal da Academia Brasileira de Letras, na cadeira de nº 7, que tinha sido ocupada pelo também cineasta Nelson Pereira dos Santos (1928-2018).

Sua paixão pela arte foi traduzida em um livro confessional, “Vida de Cinema” (Objetiva), lançado em 2014 e que traz um relato seminal de quem participou dos principais movimentos artísticos das últimas décadas. Histórias saborosas como a confissão de sua paixão juvenil por filmes musicais, predileção que era obrigado a esconder dos amigos para não ser caçado. Ou retratos amorosos de amigos geniais.

“A fama de guerreiro indomável de Glauber nos impedia, às vezes, de contemplar sua generosidade, fraternidade, capacidade de se interessar pelos outros. Não sei explicar isso, mas tenho certeza que ele morreu de desgosto por não ter podido mudar o mundo”, afirmou.

Cacá não tinha a mesma pretensão, mas, com seus filmes buscava apontar caminhos. Como o novo país que se apresentava nos anos 1980, faminto pelo progresso representado pela televisão, vista como emblema de um projeto de modernização e integração nacionais, como a Transamazônica, em “Bye Bye Brasil”.

Ou na viagem por três estados feita pelos personagens de “Deus É Brasileiro” (2003), que reencontram o Brasil velho, arcaico, com as carências habituais. Mas, por se tratar de um filme de Cacá Diegues, o olhar não era violento, mas marcado por uma saudável atenção em relação à alegria popular.

Ao morrer, Cacá produzia a continuação daquela história, “Deus Ainda É Brasileiro”, previsto para ser lançada no segundo semestre deste ano. Totalmente rodado em Alagoas e com Antônio Fagundes novamente no papel do ser supremo, o longa enfrentou problemas de financiamento que retardaram a produção. Pode-se esperar por um testamento com mais um olhar generoso do cineasta sobre a humanidade.

“Esse filme aborda um outro momento da nossa história, em que Deus retorna ao Brasil para tentar recuperar a esperança na humanidade. Eu costumo dizer que esse filme é uma comédia cívica, por causa do seu tom patriótico. Além disso, o filme convida o espectador a refletir sobre o nosso momento político e de que forma podemos contribuir para a política brasileira”, disse Cacá, em uma entrevista.